



Aletheia

ISSN: 1413-0394

mscarlotto@ulbra.br

Universidade Luterana do Brasil
Brasil

Oliveira Lilja, Claudeth Conceição de
O sintoma como uma resposta de baixa densidade num sistema de elevada complexidade
Aletheia, núm. 17-18, enero-diciembre, 2003, pp. 145-154
Universidade Luterana do Brasil
Canoas, Brasil

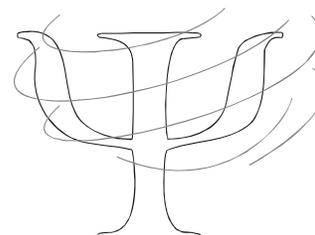
Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=115013455014>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica
Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Artigo de atualização



Claudeth Conceição de Oliveira Lilja

O sintoma como uma resposta de baixa densidade num sistema de elevada complexidade

The Symptom as a Response of Low Density in a System of High Complexity

“... todo objetivo atingido nos lança um novo caminho
e toda a solução inaugura um novo problema
”(Morin, 1995, p. 174).

RESUMO

Procuramos fazer uma reflexão sobre aspectos evolutivos do homem enquanto um ser que é capaz de questionar sua própria existência, suas relações consigo mesmo e com os demais, um ser capaz de organizar significações e conhecimentos sistemáticos sobre si mesmo e sobre seu mundo, incluindo o sintoma como uma resposta de baixa densidade em um sistema altamente complexo que, em consequência, se desarmoniza.

Palavras-chave: Condição humana, complexidade, sintoma.

ABSTRACT

We have attempted a reflection on evolutive aspects of men as human beings capable of questioning their own existence, their relationships with themselves and with others; as beings who are capable of organizing meanings and systematic knowledge about themselves and

Claudeth Conceição de Oliveira Lilja é Psicóloga, mestre em Psicopatologia e Psicologia Clínica pelo ISPA/ Lisboa, doutoranda em Psicologia Evolutiva e da Educação pela Universidade de Santiago de Compostela, Espanha. Professora do Curso de Psicologia da ULBRA.

Endereço para correspondência: Dr. Jorge Fayet 434, Porto Alegre, RS; Email: colilja@terra.com.br

about their world, including the symptom as a lower density answer in a highly complex system which, as a result, breaks into disharmony.

Key words: Human condition, complexity, symptom.

INTRODUÇÃO

Vários autores referem que o homem nasce prematuro biologicamente, imaturo e completamente dependente. E é justamente aí que se funda a condição humana, ou seja, somos seres interativos, precisamos dos cuidados de alguém para sobreviver (Groisman e Kusnetroff, 1984; Dias & Alves, 1995).

Paralelamente, o sujeito indefeso é objeto do impacto cultural da sociedade que, como um invólucro invisível vai envolvendo esse material virgem da natureza. Para Groisman e Kusnetzoff (1984), os agentes dessa cultura circunstancial são os pais. Microsociedade primeira que dita as normas primitivas e ricas de significação desse novo ser, inaugurando-se o psiquismo. Por outro lado, ao mesmo tempo em que precisa de outro ser humano para sobreviver (autoconservação), necessita independizar-se do mesmo para sobreviver psicologicamente, para ser.

Dias & Alves (1995) referem que é justamente essa imaturidade que nos assegura a condição de sermos inteligentes, quanto mais imaturos, mais inteligentes. O homem, e só o homem, é capaz de criar, de transgredir ao estabelecido, de interrogar-se sobre tudo e de refletir sobre si próprio.

A proposta desse trabalho é fazer uma reflexão sobre esses aspectos, incluindo o sintoma e como ele se apresenta nesse contexto.

O HOMEM EM SUA COMPLEXIDADE

Quanto mais complexas as espécies, maiores serão as diversidades individuais. No caso do homem, essa diversificação é intensificada pelas influências familiares, culturais e sociais. Cada ser humano vive, do nascimento à morte, uma tragédia insondável, marcada por sofrimento e pra-

zer, carências, falhas, capacidade de amar e odiar etc, que faz parte da identidade humana (Morin & Kern 1995). A extraordinária imaturidade da espécie humana está ligada à própria organização da espécie e ao desaparecimento do cio. A imaturidade do humano obriga, por exemplo, a fêmea a cuidar do bebê de forma permanente. Nascermos com uma complexificação de discriminação de estímulos e por outro lado uma imaturidade biológica imensa, necessitando de outro ser humano para sobrevivermos e ao mesmo tempo somos capazes de fazer uma leitura da realidade. Esta imaturidade somada ao nível de diferenciação é o organizador da inteligência pois, para sobreviver ao mundo, é necessário discriminar mensagens (Dias & Alves 1995).

O olhar nos garante a sobrevivência e a discriminação de estímulos, nos capacita a perceber o amor do outro e a natureza do próprio amor. Há um amor básico que é o da mãe, surgindo depois outras formas de amor, que só surgem porque lá está a capacidade de amar primeira, que se construiu a partir do olhar da mãe, do se rever no olhar do outro como alguém que comunica que o outro ama (Dias & Alves, 1995). No olhar há uma mensagem básica na qual é possível reconhecer-se capaz de organizar um vínculo que lhe permita crescer, desenvolver e criar ou, pelo contrário, um olhar percebido como ameaçador. Dessa forma, através do olhar discriminamos os aspectos que acompanham a comunicação.

Do ponto de vista neurofisiológico, a criança aprende a uma velocidade espantosa, cada criança organiza sua própria história, vale por si, possui uma relação com seus brinquedos, brinca com eles a sua maneira, possui uma singularidade que emerge de si. O adulto que preserva esta característica de singularidade e individualidade, preserva-se enquanto homem, possui maior capacidade para o assombro, para o conhecimento, para o espanto perante o

mundo (Dias & Alves, 1995). Essa capacidade é fundamental para o pensar.

Aquilo que constitui a mais bela condição do homem é a pessoa gastar tudo, se assombrar com tudo. Seremos capazes de ver uma coisa e ficarmos maravilhados. É essa capacidade de maravilhamento com a vida que pode constituir depois o grande patrimônio daquilo que nós chamamos, entre aspas, os gênios (Dias & Alves, 1995). A condição de imaturidade biológica nos permite ser crianças toda a vida, nos diferenciando, enquanto humanos, das outras espécies.

A própria relação amorosa, conforme os autores, só é possível na diferença, há um homem e uma mulher. A geração e o nascimento do sujeito reafirma a diferença. Sem essa diferença, não há possibilidade de afirmação do sujeito enquanto indivíduo.

O homem é um ser ansioso, aflito, pois possui uma angústia existencial. Angústia da finitude da existência que é diferente da angústia de morte. É uma angústia que só é resolvida pela imortalidade simbólica, ou seja, o homem sabe que morre, mas algo fica de si próprio através de seus feitos e de suas relações com os demais. O homem é capaz de interferir e modificar situações pelas quais se depara ao longo da vida. Prova disto é que construiu uma sociedade e uma cultura. O sujeito humano também é aquele capaz de procurar a verdade, possui uma posição reflexiva sendo capaz de questionar a si próprio, de mudar, de ser ele próprio. O contrário é a morte do imaginário e do homem enquanto sujeito singular, é a mentira onipotente (Dias & Alves, 1995).

Os autores referem que o desejo do conhecimento é um patrimônio de toda a condição humana, condição esta que saiu da descoberta. A longa aventura da humanização levou o homem a desenvolver a bipedização, a corrida, a utilização de instrumentos, a domesticação do fogo pelo *homo erectus*. Ocorre, com o passar dos séculos, a produção de instrumentos e técnicas cada vez mais complexas. Também mais comple-

xas tornam-se as relações interpessoais (Morin & Kern 1995).

A falha biológica, própria do homem, funda-lhe a inteligência e esta, por sua vez, empurra-o para a consciência da morte e para o repensar a relação com a morte, que implica o problema divino. Fundamenta-se aí o conhecimento e a ciência (Dias & Alves, 1995).

Entenda-se o método científico como a transgressão ao que está estabelecido, como a interrogação, como a dúvida acerca de algo. A incerteza está na base da investigação científica e da descoberta (Dias & Alves, 1995; Morin & Kern, 1995). Seguindo esse raciocínio, podemos dizer que um fato estabelecido quanto ao ser humano é sua mortalidade. Sob vários aspectos, pode-se perceber o homem tentando transgredir a esse fato, criando, só para exemplificar, vida através de laboratórios e da manipulação genética.

Então, se o homem for capaz de se criar a partir de si próprio, nunca mais morre. Observa-se aí, no dizer de Dias & Alves (1995), uma competição com Deus que remete o homem a sua condição de mortal, temos uma consciência terrivelmente angustiante de sermos inteligentes, criadores e, apesar disso, mortais. E se nós fossemos imortais? Haveria algo a fazer? A criar? A pensar? Teria sentido a vida?

Se eu nunca mais morrer, não preciso pensar porque não tenho uma angústia de base que me permita mobilizar-me contra, de fato, o meu desejo de resolução de uma questão primordial. Portanto, a espécie, porque é mortal e inteligente, cria. Mas também cria diante de uma inveja que é o seu espelho (Dias, 1995 a, p. 209) Sem essa angústia de base, seria possível essa reflexão? “A dor de saber é ainda um saber da dor”, refere Dias (1991). “Se pensar não for sentir, não é, de certo modo, coisa alguma. O pensamento é pois o pensamento de um pensamento” (Dias, 1991, p. 74).

“As coisas e os animais, são o que são e continuarão sendo o que são. O homem será o que decidir ser. Sua existência é um poder ser, e, portanto, incerteza, problema-

tidade, risco, decisão” (Reali & Antiseri, 1991).

O que distingue o homem de outros animais é sua capacidade de organizar significações, conhecimentos sistemáticos sobre si mesmo e sobre seu mundo, é a capacidade de memória individual e a de transmitir a outras gerações os conhecimentos adquiridos, utilizando-se da linguagem (Dias & Alves, 1995; Campos, 1997).

Essa capacidade, inerente e específica da espécie humana, resultou na idéia de que os comportamentos humanos se inscrevem num programa. “(...) filogenético aberto, ou seja, a espécie em cada indivíduo é capaz ela própria não só de se manter como de se melhorar, de melhorar a sua própria condição” (Dias & Alves, 1995, p.170). Nesse sentido, os conhecimentos e a organização do saber de cada indivíduo em seu dia a dia pode criar condições para a emergência de novos saberes.

É importante deixar claro que o que faz parte da condição humana é a procura da verdade que sempre implicará em uma posição reflexiva e questionadora, sendo possível chegar a aproximação da verdade. O conhecimento da verdade (se fosse possível) implicaria em uma condição estupidificante do saber tudo, do não questionar, do não saber, ou de um saber delirante. O criador é então aquele que tem sempre o sentimento de que não sabe, está a espera de saber.

A completude não é o território do homem; o território do homem é a incompletude. Mas há aqui uma coisa que é a ligação entre o completo e o incompleto, entre o desejo de tudo saber e tudo fazer e a nossa fraquíssima condição de humanos que fez com que Arquimedes, dissesse: Dêem-me uma alavanca no local certo e eu levantarei o mundo. Simplesmente os Deuses diziam ao homem: Não, não, esse não é o teu lugar. O teu lugar é a cegueira ou a incompletude, e nessa altura acontecia uma coisa engraçada que os gregos chamavam a queda do homem sobre si mesmo, que fazia aquilo que eles chamavam a catarsi que significa purificação. Purificação de que?

Purificação de um desejo para além do humano. Era o homem purificar-se de outra coisa que não fosse ser homem e era nesse momento que ele podia ser sabedor. O ser sábio acontecia quando o homem aceitava a condição de morte e a condição do homem (Dias & Alves, 1995, p. 140).

Ser sábio era então se saber não sabedor, saber-se não poderoso, saber-se mortal, finito e imaturo, ou seja, saber sobre si mesmo, enquanto homem. O louco, em sua convicção delirante, é aquele que sabe tudo, encerrando-se em um saber que prescinde do outro, em um pensamento absoluto. Para preservar este saber, o louco nega e ataca a realidade (Dias & Alves, 1995).

Dessa forma, a condição humana implica em solidão e sofrimento transformáveis. O que quer saber enlouquece, o homem está assim, condenado ao não saber (Dias, 1993). Para que o homem seja, é necessário abandonar a condição de segurança. A condição de saber implica em dar-se conta do infinito onde sempre haverá um mistério a ser desvendado, um novo saber. Para sentir essa afirmação em essência basta pensar no contínuo infinito de nossa breve existência enquanto humanos.

Dias e Alves (1995) referem que a racionalidade, que organizou o conhecimento, a cultura, a ciência, e outros aspectos do homem, tem sempre como contraponto ainda dentro do humano partes irracionais. Toda a perda, mudança ou alteração, põe a nu o que está dentro da pessoa. Se pensarmos que, em nossa existência, convivemos constantemente com a perda, com a mudança, torna-se relevante pensarmos a respeito de nossa relação com o real, com a realidade que é sempre decepcionante. E o é por que o real é sempre diferente daquilo que imaginamos, ou que idealizamos. Surge então, a perda do objeto idealizado, distante do real.

Sendo a dor parte inevitável da vida, se o indivíduo souber transformá-la poderá ser criativo e viver uma vida plena de significado. O homem é dotado de alta capacidade adaptativa e criativa, moldando-se conforme solicitações de seu meio exter-

no e seu mundo interno. Essa capacidade adaptativa provém, por um lado de uma capacidade fisiológica de ajustamento ou flexibilidade e, por outro, de uma aptidão para perceber, avaliar, tomar consciência e decidir. A flexibilidade implica em possibilidade de mudar e promover mudanças (Campos, 1997).

Sendo assim, o indivíduo que suporta melhor a mudança é o que possui maior capacidade adaptativa, maior confiança básica em si próprio, depende menos de circunstâncias externas e mais de uma confiança básica na sua própria pessoa. Em suma, possui consciência de uma identidade própria, que o faz ser ele mesmo não importando onde esteja, e possui consciência da importância daquilo que os rodeia para eles. (Dias & Alves, 1995). “... só o ato da consciência funda o ser” (Dias, 1993, p. 22). “Não existe ser algum que não seja de algum modo consciente, embora o seja em tão primitivo grau que, visto da altura da nossa autoconsciência humana, nos pareça inconsciente” (Rohden, 1961, p. 37).

Referindo-se ao processo de socialização, Campos (1997) refere que a sociedade é uma “construção” do pensamento. As relações sociais envolvem crenças, valores, expectativas e interações no espaço e tempo. Essas categorias de pensamento coletivo são verdadeiras instituições fixadas, no indivíduo, pelo processo de socialização. A diversidade de ambiente, a necessidade de estabelecer diferenças e comparações, leva o homem a se reunir em grupos de iguais e oporem-se àqueles que possuem valores diferentes, surgindo assim as diferenças sociais.

Dessa forma, a natureza do homem é cultural na medida em que faz parte de si próprio o pensar, refletir, tomar consciência, criar, comunicar, historiar, prever, teorizar e estruturar. Nesse processo, torna-se fundamental a presença do outro. A divergência implica em ameaça que lembra o retorno ao caos, mas que, ao mesmo tempo, afirma a veracidade das respostas que o grupo formulou. Cada resposta corresponde a um significado a que todos devem aderir.

“A ordem social surgida tem por ine-

rência a propriedade de opor-se ao caos, e como produto da criação do homem, distingue-se (opõe-se?) àquilo que é natural” (Campos, 1997, p. 94).

Dias e Alves (1995), ao falarem do sistema político atual, comentam que se fala muito em postura do homem de estado e questionam, o que será isso? Afirmam que há um estereótipo que não revela o sujeito que lá está.

O que se perde, então, quando se sujeita a esses estereótipos, é a subjetividade, é o desejo, é o ser simplesmente. E, “se não há lugar para o homem, não há um lugar para o sujeito, o sujeito deixa de ser um sujeito histórico da sua própria vida para ser um sujeito da história” (Dias, 1995 b, p. 261).

O que é paradoxal é que nossos sistemas sociais baseiam-se num conjunto extraordinário de mentiras que lhe dão coesão. O homem progrediu tecnologicamente, contudo é como se muitas partes de sua mente continuassem a um nível pré-histórico do subjetivo, daquilo que designa a condição humana. Observa-se que, muitas vezes, o homem comporta-se de certa forma, predeterminada, com o objetivo de chegar ao poder.

No entender de Dias & Alves (1995), o homem é um ser atópico ou seja, não há lugar nenhum para o homem na medida em que é ele mesmo que conquistou os seus lugares. Impõe-se aqui um grande confronto nesse momento da história entre o sujeito humano e a idéia de que há dois tipos de seres, os que definem e os que têm que aceitar o progresso.

Essa é uma proposta política de não choque, de não agressão de não pensamento, pois o pensamento é sempre uma agressão ao pensamento anterior e contém uma idéia de mudança. Perguntam então os autores, onde estão os inquiridores? É notório hoje o desinteresse do povo pelos políticos.

O que é que se passa? Seremos nós capazes de testemunhar neste momento o nosso tempo, o nosso lugar, o nosso mundo? Uma questão central que é: o homem,

o sujeito humano, o imaginário do sujeito não se revê mais naqueles que dizem produzir o discurso sobre ele? E não se revê mais na medida em que o discurso que é produzido sobre ele não contempla mais o sujeito (Dias & Alves, 1995, p. 62).

Se os significados das coisas nos são dados de antemão, e são aquilo que condicionadamente nos parecem ser, sem a possibilidade de serem questionados, nossas vivências e experiências de vida perdem o sentido.

Pode ocorrer que nossa necessidade compulsiva de segurança existencial, de coerência intelectual e de saber tudo, de ter respostas a tudo, faça com que a realidade se circunscreva às formulações de um *self* sensorial, chegando a ponto de encontrarmos somente o que procuramos, em vez do novo e da renovação permanente.

Esse é um caminho que leva a absolutização. E, para não cairmos nessa “armadilha” nossa própria mente deverá ser objeto de exame, em seus aspectos sensoriais e não sensoriais. Perceber é ver aparências, pensar é contemplar a realidade como ela é, é contemplar o ser.

A complexidade é então, a visão da realidade no que ela tem de humano, biológico ou físico; é a possibilidade de ver, ao mesmo tempo, fenômenos complementares, antagonistas e concorrentes, em não eliminar a incerteza e sim em introduzi-la. Complexidade também é ordem-desordem-desorganização (Morin, 1978). Resta agora pensarmos o que é o sintoma e como ele se apresenta neste contexto.

Em “Avenida de Ceuta nº 1”, Dias (1995, p. 15) comenta sobre a notícia de uma agência prestadora de serviços, que visa a elevação social de seus clientes fazendo chamadas telefônicas, para os mesmos, durante um jogo de tênis. O autor refere que essa história “(...) é um sintoma de um funcionamento social e é um sintoma do que poderíamos chamar um grande teatro do fim do século”. Diz ainda que todos os tempos produzem o seu teatro, as suas máscaras, sendo o humano, sempre uma máscara. O sintoma é então algo que retrata, no sujeito individual o seu conflito interno.

McDougall (1991) complementa, referindo que os sintomas também servem de muralha contra a ameaça de indiferenciação, de perda de identidade e de implosão fracionada do outro.

Em uma reportagem publicada na Revista da Folha, em quatro de maio de 1997, por Adriana Vieira e Lavínia Favero, intitulada “O Preço da Fantasia” observa-se o seguinte: “Se a fantasia é ter tantas jóias quanto Elizabeth Taylor (...) há serviços ‘secretos’ para isso. As joalheiras não gostam de divulgar, mas elas alugam peças a clientes (...) A graça é não revelar que você está usando algo que não é seu”. “Muitas vezes, na sociedade, você precisa impressionar. As pessoas se preocupam com a grife da sua roupa, a marca do seu carro. Eu não me sinto bem com isso, mas existem ocasiões em que não há como fugir” “(...) há como ‘alugar’ um namorado pelo menos para exibir aos outros (...) A maioria das minhas clientes é separada e só quer fazer ciúme para o ex-marido, indo comigo aos lugares que ele frequenta (...) o que conta é passar a imagem de que alguém está financiando a noite dela”. Na cena do humano, é importante questionar onde nos colocamos e onde colocamos a nossa relação com o outro (Dias & Alves, 1995).

O exemplo fornecido pelo autor e, acredito, também os transcritos anteriormente, retratam um conflito do nosso tempo. “(...) um conflito entre o sujeito ele mesmo e aquilo que poderia chamar o mundo dos espelhos que o rodeia. É como se esta notícia nos dissesse que o sujeito hoje se afirma não só através dos objetos que possui, mas como se esses objetos falassem por ele” (Dias & Alves, 1995, p. 15).

O reinado anônimo do dinheiro progride, ao mesmo tempo, em que o faz o reinado anônimo da tecnoburocracia. O espírito de competição e de êxito desenvolve o egoísmo e dissolve a solidariedade (Morin & Kern 1995). Esse é um sinal da miséria imaginária, da miséria interna das pessoas, colocando a condição humana na miséria do narcisismo, ou seja, é uma relação anobjetal, os outros são espécies de marionetes

que o indivíduo usa para seu próprio prazer. Não há relação, não há espontaneidade e muito menos o compartilhar sentimentos com o outro (Dias & Alves, 1995).

Quando a criança é emboscada por uma realidade traumática, padece da fúria e da mortificação narcísica que, repetidamente, busca um acerto de contas. Mesmo que a psicose seja evitada, mecanismos primitivos se infiltrarão em toda a relação estabelecida. Por vezes, torna-se impossível viver uma relação de amor que não seja destruída pelo ódio. A repetição confirma a certeza da rejeição e do abandono, formando-se um círculo vicioso (McDougall, 1991, p. 14).

Ao quebrar-se o espelho, sua própria imagem voa em pedaços, surge a angústia, o recolhimento e a amargura. Dessa forma, pode-se afirmar que quem vive a aparência não possui consistência interna.

Nas vinhetas descritas anteriormente, observa-se uma perda de identidade pela idealização do outro. O sujeito se reflete imaginariamente no outro, a própria importância lhe é dada através de instrumentos acessórios que, no dizer de Dias (1995 b), se repete, do contrário não haveria sucesso em tal proposta.

Outro aspecto que enfoca o autor é que esse eco configura-se em um eco social na medida em que corresponde a um imaginário coletivo, esse tipo de proposta só é possível se estiver latente na cultura. Sendo assim, pode-se questionar sobre o que ocorreu com o homem em sua essência? Onde está sua subjetividade?

Para Dias (1995 b) que a pessoa imaginária proposta como importante é uma imagem em espelho e, portanto, a imagem do narciso. Não há a afirmação na sua singularidade, criando-se uma grande mentira. Sendo assim, a psicopatologia é sempre relacional, avaliada na relação e pela relação, podendo-se compreender a importância da identificação projetiva no esclarecimento dos fenômenos psicopatológicos. Na neurose, a identificação projetiva faz-se na representação orbitária do objeto, isto é, tem uma qualidade intrapsíquica, enquan-

to na psicose, o sujeito tem frequentemente a sensação de que partes do self ou do psiquismo se encontram de fato no interior do outro, sentindo-se por isso alienado delas (identificação alienante) ou desconhecendo-se nelas (desidentificação alienada) (Dias, 1995 a, p. 48). Dias e Alves (1995, p. 80) referem que em uma perturbação grave como a esquizofrenia:

(...) já não conta tanto o olhar do outro mas a projeção que se faz em cima do olhar do outro, ou seja, há uma tal presença duma malignidade mental em relação ao olhar que é bem provável que tenha a ver com olhares muitos primitivos que tenham sido vividos em experiências muito infantis, sendo depois esta associação reprojeta da na relação e a pessoa tem tendência a ver no outro olhar, provavelmente o mesmo olhar ameaçador, destrutivo.

Para nos distinguirmos do outro necessitamos de um pensamento autônomo e isso só ocorre se um dia conseguimos ter uma forte vinculação com os objetos primários, seguida de uma etapa de exploração e de competição com o outro. Após a fase de investimento narcísico adequada, a criança vai precisando cada vez menos do objeto, separando-se do mesmo e construindo sua própria identidade, assumindo seus próprios poderes, empossando-se de si próprio.

O primeiro medo a perder é o medo de sermos nós próprios, de assumir nossa condição humana, de sermos (Dias & Alves, 1995). E de novo é a transformação que nos salva da mais cruel das permanências (a permanência no real em plena impermanência humana), a menos que enviesemos a resolução do solipsismo pela via da psicose e então o real existe porque somos só nós a fazê-lo. A psicose é então do domínio da cura impossível do real, pela insuportabilidade da separação do Amado (Dias, 1995 a, p. 86).

Se for assim, a doença psicológica é um problema da permanência, uma repetição, uma convicção. Fazer recuar o medo, significa, ao fim e ao cabo, poder permitirmos ir tão longe quanto possível dentro de

nós mesmos, às raízes humanas e individuais da psicose. Só uma prática da identificação pode permitir observar a grandiência infinitesimal da relação do homem com o mundo, com os homens e consigo próprio (Dias & Vicente, 1984). O autor refere que saúde mental, antes de um estado, é um processo dinâmico, evolutivo, é ser dentro de um ir sendo.

Para Soifer (1987), a psicopatologia ocorre devido a carências na aprendizagem e, no dizer de Dias (1995 b), é uma resposta de baixa complexidade (dificuldade de aprendizagem) em um sistema de elevada complexidade. Dessa forma, o sintoma não deixa de ser uma imensa dificuldade de aceitar o real e investir no mundo.

O sintoma é a expressão de algo, a partir de motivações inconscientes, que estará encobrendo ou reprimindo algo, algo que gerava angústia, a angústia do caos, do perigo, da incerteza, do aniquilamento (Campos, 1997).

A doença é forma de falar do desconhecido e da descrença. Da angústia diante da incerteza e do caos. É uma forma limitada, relativa, mas significativa para aquele que adocece. Ela fala do seu contexto e da sua história, através da sua ciência e das suas crenças, criadas e tecidas por sua sociedade de hoje e de ontem (Campos, 1997, p. 96).

Dias e Alves (1995) colocam a questão de como é que, através do sofrimento de uma pessoa, se pode transmitir a compreensão de uma para outra. Cada pessoa em sua singularidade sofre à sua maneira, sendo impossível uma generalização.

Mas o que fazemos, freqüentemente, em nossa prática profissional? não é buscar a generalização? “enquadrar” o indivíduo em diagnósticos e, a partir daí, tratá-lo? Que saber é esse?

“Só a capacidade de estarmos obsecadamente preenchidos pela realidade e pelo pensamento é que nos permite começar a pensar” Dias e Alves (1995, p. 160). Nesse sentido, podemos dizer que ainda não sabemos resolver problemas de baixa complexidade porque não estamos a pen-

sar e utilizar nossas capacidades na sua plena dimensão. Os autores referem que o homem simbólico, capaz de dominar símbolos, que começou a poder, é muito recente (dez mil anos). Sendo assim, recém começamos a pensar, estamos aprendendo a pensar. E a única forma de nossos neurônios terem seu valor é pô-los a pensar. Quando não o fazemos, é possível que estejamos lidando com um sistema de alta complexidade, a um nível de baixa complexidade.

Para Dias e Alves (1995) o ser humano é a possibilidade de ser criança animal durante toda a vida, mantendo a curiosidade, o jogo, a exploração, o que fundamenta a inteligência.

Esses fenômenos possuem uma característica de não repetitividade, ao contrário da doença em que o sujeito tende a repetir, durante toda a vida, o mesmo tipo de erros emocionais. Sendo assim, a estupidez é um fenômeno restritivo onde o biológico é mais afirmado do que a inteligência.

“O ser humano tem corpo como os animais, gera como os Deuses, mas está encerrado dentro de si. É um sujeito fechado, e o seu problema é o de como resolver essa irremediável solidão que o assalta por todo o lado” (Dias, 1993, p. 57). O sujeito lógico é, nesse sentido, o que aceita a sua condição de solidão. “A mente humana não é, ou não deveria ser, causal, é associativa. E quando começa a pensar em termos causais, deixa de conseguir pensar.” (Dias, 1993, p. 60).

Contudo, mais importante do que compreender a doença, é compreender nossas partes doentes no nosso cotidiano. Aquelas partes que não se fundamentam como inteligência e transformação e que se repetem.

Na medida em que os sintomas impedem o sujeito de exercer, em sua plenitude, a própria consciência, também o impede de perceber-se humano em sua essência.

Dessa forma, pode-se dizer que a doença é apenas uma exacerbação de fenômenos que fazem parte do cotidiano humano. A doença é uma espécie de comportamento levado ao excesso, em um sistema

complexo que, em conseqüência, se desarmoniza.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Refletir sobre esses aspectos implica, antes de tudo, em destruir saberes já constituídos e em construir não saberes, implica em iniciar uma caminhada no sentido da autodescoberta construindo um novo saber. Um saber que inclui o saber do não saber, que introduz o caos, a dúvida e a incerteza. Rohden (1961) refere que os pensadores do período de 600 a 400 a.C. convenceram-se de que o homem nada pode saber sobre o macrocosmo circundante enquanto não descobrir o microcosmo dentro de si próprio.

Como é possível fazer isso? Para Dias e Alves (1995), devemos estar preenchidos pela realidade e pelo pensamento, devemos pôr nossos neurônios a pensar.

Certa ocasião, ouvi a pergunta “é possível ouvir o som de uma mão batendo palmas sem haver outra mão?”. A princípio isto parece inviável contudo, existe a intenção e a intensidade anterior, formadora da ação física que é posterior, portanto menor, portanto dispensável.

Ou seja, quando pensamos algo, esse algo já existe. A consciência é a única coisa que gera o universo como o conhecemos. O universo só é infinito porque a consciência é infinita. Partindo desse pressuposto, segundo Rohden (1961), o cognoscível não pode chegar ao cognoscente. O finito jamais conhecerá o infinito de forma infinita. O finito só pode conhecer o infinito de maneira finita. Portanto, o homem jamais conseguirá conhecer sua própria consciência, pois sendo ele finito e a consciência infinita, jamais o homem terá uma visão e o conhecimento de sua própria consciência, tendo apenas uma visão pequena, finita, limitada e, talvez caricata de si mesmo.

Parece que não resta outra saída, se não buscarmos saber de nosso não saber, de nossa fragilidade e complexidade enquanto humanos. É preciso reconhecer a

ambivalência interna, própria do humano, que contém fraquezas, misérias, carências, crueldades, nobrezas, destruição e criação, consciência e inconsciência.

No dizer de Morin & Kern (1995), podemos rejeitar esses falsos infinitos e tomarmos consciência de nossa finitude. Uma finitude diferente do fracasso do nosso desejo de ser infinito ou seja, uma finitude positiva, como a verdadeira lei fundamental. O verdadeiro infinito está além da razão e da inteligibilidade do homem. Podemos então ter consciência de nossa inconsciência e de nossa ignorância. Somos seres frágeis incertos realizando obras incertas num mundo incerto. Somos movidos por nossas aspirações, dispomos de vontade e coragem.

A experiência da descoberta, muito antes de obter conhecimentos, implica em interrogar-se sobre os mesmos. Por isso devemos ser cuidadosos em nossas aproximações à vida psíquica. Se nós somos o melhor instrumento de nosso trabalho, este deve ser empregado com disponibilidade total. Partimos do princípio de que sabemos algumas coisas e que nem todas são verdades.

Uma ciência fluida jamais excluirá o sujeito e seu sofrimento (Dias, 1995). É necessário que exista um espaço para a dúvida, para a incerteza, para o diálogo ou seja para a reflexão.

REFERÊNCIAS

- Campos, E. P. (1997). A doença como expressão do processo de socialização. *Revista Brasileira de Medicina Psicossomática*, 1(2), 92-96.
- Dias, C. A. (1991). *Ali Babá. Droga: Uma neurose diabólica do século vinte*. Lisboa: Escher, Fim de Século Edições Ltda.
- Dias, C. A. (1993). *Só Deus em mim se Opõe a Deus: Um seminário de psicanálise*. Lisboa: Fenda Edições Ltda.
- Dias, C. A & Vicente, T. N. (1984). *A depressão no adolescente*. Porto: Editora Afrontamento.

- Dias, C. A.(1995 a). *Ascensão e queda dos toxicoterapeutas: ou a democracia da mentira*. Lisboa: Fenda Edições Ltda.
- Dias, C. A. (1995 b.). *(A) Re-Pensar, Coletânea Psicanalítica*. Porto: Edições Afrontamento.
- Dias, C. A. & Alves, F.(1995). *Avenida de Centa nº 1*. Lisboa: Relógio D'água Editores.
- Groisman; Kusnetzoff. (1984). *Adolescência e saúde mental*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Mcdougall, J. (1991). *Em defesa de uma certa anormalidade*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Morin, E. (1978). O sentimento da complexidade. *Análise Psicológica*, 1 (4), 89-99.
- Morin, E. & Kern, A. B. (1995). *Terra-Pátria*. Porto Alegre: Sulina.
- Reale, G. & Antiseri, D. (1991). *História da filosofia*. São Paulo: Paulus.
- Rohden, H. (1961). *Filosofia universal*. São Paulo: Livraria Freitas Bastos AS.
- Soifer, R. (1987). *Psiquiatria infantil operativa*. Porto Alegre: Artes Médicas.